



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

SAMANTHA CAMILO SILVA

UMA LEITURA ECOCRÍTICA DE “O BICHO”, DE MANUEL BANDEIRA

Brasília

2024

SAMANTHA CAMILO SILVA

Uma leitura ecocrítica de “O bicho”, de Manuel Bandeira

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito à obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Respectiva Licenciatura, no Departamento de Teoria Literária e Literatura, Instituto de Letras, conferido pela Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. André Luis Gomes

Brasília
2024

1. Introdução

O processo histórico de formação da literatura brasileira foi marcado pela busca incessante por uma identidade nacional autêntica, que se distanciasse das influências literárias europeias. Nesse esforço, os autores brasileiros recorreram ao caráter documental da literatura, elegendo a natureza como elemento central na construção de uma nação que, até então, replicava aspectos culturais externos. Este estudo tem como objetivo problematizar a concepção da literatura como mero reflexo ou revelação de uma identidade nacional, questionando sua função na construção de uma nacionalidade baseada na representação de uma natureza idealizada, que negligencia a subjetividade de personagens inseridos em contextos históricos específicos.

O modernismo, como movimento literário, emerge em oposição às representações idealizadas da natureza, típicas de períodos anteriores. Ao invés de apresentar a natureza como um espaço idílico e intocado, os modernistas a retratam como um cenário dinâmico, moldado pela intervenção humana e pelas transformações advindas de processos sociais e econômicos. Essa abordagem reflete uma preocupação crescente com as consequências da exploração ambiental e com as desigualdades sociais que surgem desse contexto. No modernismo, a natureza é frequentemente representada como um espaço de conflitos e tensões, espelhando a complexidade da realidade brasileira. Mônica Pimenta Velloso argumenta que, diante da pressão para retratar uma nacionalidade brasileira, “nossa literatura inclinou-se mais para tendências realistas do que propriamente ficcionais. Isso porque ou a ficção foi considerada matéria de segunda grandeza (devido à sua alegada incompatibilidade com o “real”), ou significava uma ameaça à ordem de valores vigente” (1998, p. 242).

Os escritores modernistas rejeitam a visão romântica e bucólica da natureza, optando por enfatizar sua interação com o ambiente urbano e as realidades da vida moderna. Essa perspectiva permite uma investigação mais profunda da subjetividade dos personagens em relação ao seu ambiente natural e social. Nesse sentido, a natureza no modernismo é frequentemente utilizada como símbolo para expressar crises de identidade e pertencimento. O meio ambiente torna-se um reflexo das mazelas sociais e das angústias existenciais dos personagens, contribuindo para narrativas que questionam as consequências da modernidade e do progresso. A abordagem ecocrítica, por sua vez, destaca a interconexão entre o ser humano e o ambiente, propondo uma visão da natureza que é simultaneamente física, social e subjetiva.

O presente trabalho propõe uma análise da interação entre literatura e meio ambiente no poema *O bicho*, do autor modernista Manuel Bandeira, utilizando a perspectiva ecocrítica

como ferramenta para compreender a interconexão entre as crises sociais e ecológicas. No poema, a desumanização resultante da pobreza e a alienação do ser humano em relação à natureza são temas centrais, que a ecocrítica permite explorar como uma denúncia das consequências do progresso urbano e industrial, frequentemente resultando em ambientes degradados, tanto do ponto de vista ecológico quanto social.

O ficcional, entendido em grande parte como reflexo do imaginário de autores situados social e politicamente, encontrou sua expressão materializada no movimento modernista, acarretando críticas quanto à capacidade dos modernistas de interpretar uma nacionalidade que, por décadas, foi pautada na objetividade científica. A natureza, principal símbolo de uma nacionalidade romântica, no modernismo passa a refletir a relação entre o humano e o não humano, bem como esse lugar de não pertencimento e angústia do homem entre os seus iguais. Em *A literatura como espelho da nação*, Mônica Velloso ressalta a postura assumida pelos modernistas frente ao caráter subjetivo de uma identidade nacional, observando que “alguns dos nossos modernistas questionaram nossa identidade, jogando por terra a imagem de uma nacionalidade coesa e em paz consigo mesma. Nesse contexto conflituoso, a ideia de simetria não tem lugar” (1998, p. 247).

O campo de estudos ecocrítico entende o advento tecnológico e científico, assim como suas consequências para as relações sociais, como fatores determinantes para o fortalecimento de discursos antropocêntricos, os quais atribuem ao ser humano centralidade de poder sobre as diversas outras formas de vida. Dessa forma, a literatura modernista se torna objeto de estudo da ecocrítica literária ao refletir as crises ambiental e social – fortemente relacionadas à exploração desenfreada do ambiente e do próprio ser humano.

2. A ecocrítica literária

O desenvolvimento acelerado dos modos de produção impactou em grande escala a percepção dos seres vivos e suas formas de individualidade. Diante da constante tentativa de acumular riquezas através da exploração ambiental e humana, apresenta-se o conceito de *ecosofia*, proposto pelo filósofo Felix Guattari (2009, p. 74), como “um modelo prático e especulativo, ético-político e estético, não sendo uma disciplina, mas sim uma simples e eficaz renovação das antigas formas de concepção do ser humano, da sociedade e do meio ambiente”.

Guattari, em *As três ecologias*, ressalta:

Uma ecosofia de um tipo novo, ao mesmo tempo prática e especulativa, ético, política e estética, deve a meu ver substituir as antigas formas de engajamento religioso, político, associativo... Ela não será nem uma disciplina de recolhimento na interioridade, nem uma simples renovação das antigas formas de “militantismo”. Tratar-se-á antes de movimento de múltiplas faces dando lugar a instâncias e dispositivos ao mesmo tempo analíticos e produtores de subjetividades.

Essa articulação ético-política busca vincular três importantes registros ecológicos: o ambiental, o social e o subjetivo, como estratégia para combater as consequências de uma modernidade econômica voltada para o lucro e baseada em relações de poder. A questão ecosófica constitui a esfera do conhecimento que busca problematizar as subjetividades e as formações do próprio poder capitalista. Em contrapartida ao antropocentrismo – filosofia que ressalta a importância do homem como ser dotado de inteligência e, portanto, tutor e protagonista do existir enquanto ecossistema –, adveio a escola ecocêntrica em que a igualdade entre os seres vivos foi reconhecida devido ao seu valor inestimável para a manutenção do ecossistema enquanto fornecedor de condições adequadas para a existência e sobrevivência de suas partes constituintes. Ivy de Souza e Elda Coelho em *Antropocentrismo, ecocentrismo e holismo: uma breve análise das escolas de pensamento ambiental* defendem que

posteriormente, adveio a escola ecocêntrica, em que a vida, em todas as suas formas e, ressalte-se, não apenas a humana, tornou-se o valor mais expressivo do ecossistema planetário, reconhecendo-se a importância de todos os seres vivos por si mesmos e para a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas e, conseqüentemente, do meio ambiente (Abreu, Bussinguer, 2013, p. 2).

A crescente necessidade de se analisar as diversas formas como se concretiza a relação humano e ambiente abriu caminho para o desenvolvimento da ecocrítica, campo de estudos relativamente novo que se configura como uma reorientação de reflexões teóricas ou analíticas, as quais iluminam a discussão entre cultura e natureza – conseqüentemente entre literatura e sociedade. A ecocrítica literária compreende o meio ambiente como o resultado do vínculo entre o ambiente físico, o ambiente social e o ambiente subjetivo, assim incorporando tópicos como animais, cidades, tecnologias e o corpo.

Em *Literatura e Colapso Ambiental*, os autores Alfredo Cesar Melo e Elena Brugioni buscam explicar o ambiente, entendido em sua convergência entre pessoas, animais, natureza e sistema mundial capitalista, configurando-se como

um tema e um problema também literários, oferecendo a possibilidade de se (re)definir a literatura - suas estéticas, formas e gêneros, bem como seus paradigmas críticos e conceituais - a partir de uma perspectiva eco-ambientalista (Melo, Brugioni, 2022, p. 254).

No âmbito da reflexão crítica contemporânea, a ecocrítica prova-se relevante no debate acerca do antropocentrismo moderno, ou seja, este que elege o ser humano como principal referencial, em detrimento de outros seres vivos, que seriam considerados apenas recursos. Direcionando seu campo de estudo não apenas ao organismo individual, mas também às populações, comunidades e ecossistemas, a ecocrítica atua sobre e em conjunto com a literatura de forma a analisar e refletir acerca do conceito que compreende a natureza como tudo o que está em torno do homem e o que lhe é interno. Neste sentido, como afirma Rob Nixon (2011):

uma aliança radicalmente criativa entre os estudos ambientais e pós-coloniais pode ajudar a repelir esforços administrativos e disciplinares para encurralar para fins estreitos o que os estudiosos atentos ao poder da palavra e da história têm a oferecer ao mundo.

Entende-se, portanto, que compartimentar o conhecimento é uma abordagem intrinsecamente falha. No contexto da ecocrítica, os estudiosos da literatura buscam aprofundar-se nas ciências, adotando, assim, perspectivas interdisciplinares. Esse movimento contrasta com as formas fragmentadas e hiper-especializadas de compreender o mundo, as quais, em geral, acabam por exacerbar a crise do meio ambiente.

3. Uma possível leitura de O bicho

Manuel Carneiro de Sousa Bandeira Filho, nascido no dia 19 de abril de 1986, fez parte da primeira geração do Modernismo – também atravessando a segunda fase entre os anos de 1930 e 1947 – e consagrou-se como importante questionador de mazelas sociais, bem como delator de suas consequências no cotidiano de grande parte da população brasileira. Proveniente da cidade de Recife, Pernambuco, Manuel Bandeira foi escritor, além de historiador literário, crítico de arte e professor.

A poesia de Manuel Bandeira é percebida como modernista tomando como pressuposto as principais temáticas abordadas pelo autor: o cotidiano, a melancolia e a infância. Inseparável

do contexto sócio-político da época, quando a população se via desamparada por um governo voltado para a minoria mais rica e – portanto – mais influente, a poesia modernista de Manuel Bandeira assume caráter latente de denúncia sobre o comportamento humano diante da constante disputa por poder. A lírica construída pelo autor desencadeia a reflexão acerca do modo como opera a sociedade brasileira enquanto macroestrutura, não alienando desse funcionamento o menor elemento formador de uma esfera social: o indivíduo.

Escrito no Rio de Janeiro, em 1947, e publicado em Belo Horizonte em 1948, o poema *O Bicho*, de Manuel Bandeira, incita uma reflexão acentuadamente crítica acerca da condição do homem, bem como sobre a miséria no século XX. A observação social concretiza-se em forma de instante, flagrado pelo olhar perscrutador do eu-lírico. A primeira cena descrita traz à atenção o fato de que o eu-lírico apresenta-se em 1ª pessoa, porém assume postura de observador.

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
(Bandeira, 1947, p. 33)

O emprego do verbo “ver”, seguido da descrição de um pátio imundo, denota o distanciamento factual e temporal entre aquele que vê e aquilo que é visto. A cena, ainda que perturbadora devido à sujeira e à presença de um bicho, é descrita através de um pretérito perfeito seguido da clara marcação temporal “ontem”, construindo assim a ideia de um passado sobre o qual o eu-lírico não poderia intervir, ainda que quisesse. A forma verbal “catando”, no gerúndio, atribui àquilo que é visto o comportamento que, em um primeiro momento, parece lhe pertencer. As autoras Luciana Cristina Ferreira e Luciana Fracasse-Stefaniu apontam, com base nos conceitos teóricos da Análise do Discurso, para o fato de que “a forma verbal ‘catando’ produz efeitos de sentido relacionados à ação de um ‘animal’ em busca da sobrevivência e constrói uma representação de uma necessidade desesperada por comida.” (2017, p. 46)

A contraposição entre as formas nominais “comida” e “detritos” é primordial para que o leitor assimile a condição sub-humana que se estende na narração de uma cena curta e cotidiana. Assim, abre-se espaço para uma elucidação pormenorizada de como o bicho em questão se comporta.

Quando achava alguma coisa,

Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
(Bandeira, 1947, p. 33)

O emprego da expressão “alguma coisa” alinhado à recorrência de orações com sujeitos elípticos revelam a incapacidade do eu-lírico em definir, a partir da sua subjetividade, o objeto de sua observação. O ato de “engolir com voracidade” provoca o espanto partindo de um ser vivo que “cata comida entre detritos”, ainda que, em um primeiro momento, a imagem construída assemelhe-se a de um bicho.

A apresentação de um animal que procura do que se alimentar em meio a detritos destaca o papel crucial da literatura na reflexão acerca da função secundária que é comumente atribuída à natureza tanto no âmbito literário quanto na vivência social. Entendidos como um reflexo da sociedade ou, ainda, submissos ao controle humano, os seres não humanos parecem ocupar a posição de coadjuvantes em um sistema tão diversificado e heterogêneo quanto a biosfera. É fato que a relação entre natureza e sociedade marca profundamente o debate sobre cultura e literatura, como afirma Raymond Williams (2005, p. 70-71) no ensaio *Cultura e materialismo*: “a ideia da natureza contém uma quantidade extraordinária de história humana. O que muitas vezes se discute na ideia de natureza parece-me a ideia do ser humano”.

O poema *O bicho* é atravessado pelo conflito interno de um sujeito observador que não encontra na sua subjetividade definição concreta – e objetiva – o suficiente para a cena que acontece “na imundície do pátio”. A voracidade com que o bicho engole o alimento encontrado entre detritos parece ser a única certeza acerca daquilo que é presenciado pelo eu lírico. Julgando tratar-se de um bicho, o observador busca levantar hipóteses.

“O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato”.
(Bandeira, 1947, p. 33)

Ao perceber-se diante de um comportamento animalesco, os animais “cão”, “gato” e “rato” são recuperados pela memória que, na poesia modernista, exerce papel fundamental. A vulnerabilidade transcrita em um primeiro momento como um “cão” é logo em seguida atribuída também a um “rato”, seres vivos pertencentes à categoria de animais e resgatados pela memória do eu lírico como improváveis de se assemelharem a um homem. Em artigo publicado pela revista digital *Cultura Genial*, Rebeca Fuks (2017) aponta para a maneira como

o eu lírico “enumera animais habitualmente encontrados nas ruas. Enquanto o Homem vive em casas, os bichos vivem na rua, espaço público destinado ao abandono”.

Ainda que pareça tratar-se de animais, o poema tem como título uma provocação para que o leitor use de sua própria memória subjetiva na tentativa de conceituar o que poderia ser um bicho. O dicionário Michaelis define “bicho” como “seres do reino animal, à exceção do homem”, reiterando a maestria com que Manuel Bandeira concilia objetividade e subjetividade na construção poética de cenas cotidianas extremamente doloridas. A narrativa fundamenta-se, portanto, nas imagens construídas a partir de vivências sociais particulares e, da mesma forma, coletivas, as quais são capturadas através de uma memória atravessada pelo interdiscurso, definido por Eni Puccinelli Orlandi em *Análise do Discurso: princípios e procedimentos* como “aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente” (2012, p. 31).

Manuel Bandeira constrói a imagem poética de um espaço urbano que não aponta para o desenvolvimento e progresso, mas sim a noção de urbanidade como representação inversa ao discurso oficial de progresso.

A ecocrítica encontra seu objeto de estudo à medida em que o bicho, percebido entre detritos em um pátio imundo, explora com desespero o espaço que o cerca buscando saciar a necessidade que lhe é, antes de tudo, fisiológica: a fome. É importante notar que, ainda que a necessidade de se alimentar seja comum a todos os seres vivos, o sujeito observador parece nutrir certo distanciamento da cena observada. Pertencentes à categoria de seres vivos, os personagens envolvidos na cena parecem não encontrar entre si traços que os aproximem.

Visualizar e problematizar o distanciamento entre o homem e outros seres vivos é uma das principais tarefas exercidas pela ecocrítica literária, campo de estudo que busca, como já foi ressaltado, entender o homem como parte constituinte e atuante na manutenção de condições ecológicas satisfatórias para a sobrevivência de inúmeras espécies. A partir da leitura e análise do poema, vale lembrar que, nas palavras de Scott Slovic (1999, p. 6), o campo ecocrítico pode ser descrito como

o estudo de textos explicitamente ambientais por meio de qualquer abordagem acadêmica ou, inversamente, o escrutínio das implicações ecológicas e das relações homem/natureza em qualquer texto literário, mesmo que esse texto pareça, à primeira vista, não se referir ao mundo não humano.

Em *O bicho*, Manuel Bandeira expõe a natureza em algumas das suas inúmeras formas: o homem que observa, o bicho que cata e os animais descritos como possíveis de ocuparem

aquele lugar primordialmente social. A imundície, os detritos e o “alguma coisa” indefinível pelo eu-lírico constroem a imagem de um meio ambiente moderno onde os seres vivos são elencados como mais ou menos dignos da sobrevivência.

Os modernistas atuaram firmemente na exposição de mazelas sociais decorrentes das más condições de vida proporcionadas pelas instituições de poder, acatando a luta pela sobrevivência como uma das suas principais temáticas. Marcada pela descrição do sujeito como investigador de sua própria nacionalidade, a literatura modernista usa da subjetividade para atribuir ao sujeito o papel de investigador de seu próprio lugar de pertencimento. Em *Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura*, Francisco Neto e Hilda Gomes revelam o papel da literatura em nos colocar

em contato com a condição humana: nossa relação conosco mesmo, com os outros humanos, com os outros seres que habitam a biosfera e, mais que isso, nosso próprio lugar no universo (2013, p. 38).

A cena, hedionda e ainda muito atual construída no poema, não parece causar espanto o suficiente frente à possibilidade de ter ali um rato buscando do que se alimentar. É então que a narrativa encontra desfecho.

“O bicho, meu Deus, era um homem.”
(Bandeira, 1947, p. 33)

Na sua terceira e última ocorrência no poema, é atribuído ao termo “bicho” um sentido poético construído através do horror consequente da percepção de que ambos o eu lírico e o até então “bicho” categorizam-se como seres humanos, ainda que encontrem para a palavra “pertencimento” significados completamente diferentes. Embora categorizados de mesma forma, o lugar social ocupado por cada um deles é o ponto de partida para a reflexão sobre a subjugação de indivíduos essencialmente sociais, que são submetidos a condições de sobrevivência subumanas e excluídos de um sistema supostamente funcional, baseado na exploração do trabalho e, conseqüentemente, na produção em larga escala.

Há, em *O bicho*, a construção poética de uma cena assustadoramente cotidiana que reflete a sociedade da época, mas também a atualidade. A falta de acesso regular a uma alimentação adequada por grande parte da população brasileira tem sido um dos principais desafios enfrentados pela sociedade ao longo dos últimos anos. A insegurança alimentar, que cruelmente assola a vida de vários brasileiros, é retratada no poema de Manuel Bandeira através

da memória subjetiva de um eu lírico que se percebe diante do desconhecido. Primeiro julgando tratar-se de um bicho, o eu lírico busca retratar um comportamento desesperado que poderia causar espanto mesmo pertencendo a um animal. A poesia modernista de Manuel Bandeira cumpre seu papel como questionadora de questões sociais ao situar o ser humano entre detritos em um pátio imundo, contexto que mal pode ser atribuído a animais como cães e gatos, por comumente ocuparem posições de afeto na memória individual. O eu lírico, em contrapartida, julga tratar-se de um rato para, no último verso, assombrar-se com um semelhante que, cativo da fome, mal parece se dar conta da sua própria condição humana.

Em *Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura*, Franciso Neto e Hilda Gomes exploram as diferentes posturas políticas e filosóficas através das quais se constrói o conhecimento acerca do ambiente e, referente ao prisma do mundo natural, os autores abordam o tropo “cujo significado pende para uma natureza ainda em estado intocado pela civilização, quer dizer, espaço de pureza que inspira no humano humildade e reverência e que pode proporcionar revigoramento do cansaço advindo das poluições moral e material da cidade” (2013, p. 44) – um possível entendimento da natureza que vai em completa contrariedade com aquele retratado na poesia de Manuel Bandeira. A natureza em “O Bicho” aparece atravessada pelas marcas de uma sociedade capitalista cujo maior valor é resultado da exploração de recursos naturais, entre eles a própria força trabalhista dos seres humanos.

A obra de Manuel Bandeira atravessa o tempo, dessa forma refletindo o desamparo do qual grande parte da população se vê refém. O desenvolvimento científico e tecnológico, ainda que fruto de um avanço considerável, não é acessível para todos, realidade exposta na literatura modernista com o objetivo de incitar a reflexão acerca de que parcela da população pode usufruir do que, no fim, é produto do próprio trabalho. É notório como o acúmulo de riquezas por uma parte ínfima da população implica a desigualdade social, onde não há segurança sobre a próxima refeição a ser feita no dia. Em “*Manuel Bandeira e a Poesia Social*”, a autora Lúcia Granja aponta para a miséria como uma das principais temáticas abordadas pelo autor:

“A miséria que se alimenta do trabalho miserável e a miséria que depende da própria sorte são alguns dos temas sociais do poema e, mais uma vez, de uma atualidade espantosa e dolorida” (2000, p. 81-82).

A imagem da fome avassaladora, da pouca dignidade e do desespero é construída através de versos curtos e sucintos, os quais remetem ao vazio existencial de um bicho atormentado em busca de alimento. A negação, frequente ao longo dos versos, ecoa a particularidade de um eu lírico que resiste em construir, a partir da sua memória, significado

para a imagem observada. A confusão e o choque diante da postura animalesca do homem evidenciam a crença ilusória de que o ser humano ocupa uma posição superior em relação aos demais seres vivos, crença esta que é fruto de um sistema centrado nas necessidades humanas e na produção em larga escala, que beneficia apenas uma pequena parcela da população. Considerando-se o moderador das leis ambientais, o ser humano vê-se no direito de explorar recursos como se fossem infinitos e, percebendo-se diante das consequências dessa exploração, o que resta é o horror. Ao enxergar outro ser humano em situação tão vulnerável quanto a de buscar comida na sujeira da rua, o eu lírico é abruptamente arrancado de suas concepções anteriores, a ponto de sentir-se compelido a escrever, no dia seguinte, sobre a angústia da cena presenciada.

4. Conclusão

A literatura brasileira, em sua trajetória histórica, sempre esteve intimamente ligada à busca por uma identidade nacional, com especial atenção para a natureza como símbolo central dessa construção. No entanto, a abordagem modernista, como representada na obra de Manuel Bandeira, questiona essa visão idealizada e traz à tona as tensões e crises que permeiam a interação entre o homem e o meio ambiente. No poema *O bicho*, Bandeira explora a degradação social e ecológica provocada pela modernidade, evidenciando como a exploração desenfreada dos recursos naturais e humanos leva à desumanização e à alienação.

A partir da perspectiva ecocrítica, torna-se evidente que a literatura vai além de um mero reflexo das condições sociais, funcionando como um instrumento crítico que expõe as consequências do progresso industrial e urbano. Bandeira, ao retratar o homem em uma condição subumana, obriga o leitor a confrontar a realidade da desigualdade e da exploração, revelando a complexidade das relações entre ser humano, natureza e sociedade.

A ecocrítica literária, ao destacar essa interconexão, não só amplia a compreensão das obras modernistas, como também oferece uma nova lente para analisar a crise ambiental e social contemporânea. Assim, a obra de Manuel Bandeira permanece relevante, pois continua a desafiar as narrativas de progresso — entendidas tanto como a ideia de desenvolvimento econômico e tecnológico irrestrito quanto como a visão de uma humanidade em constante ascensão. Essas narrativas muitas vezes ocultam as consequências éticas e existenciais de um sistema que degrada tanto o ambiente quanto o ser humano. Conclui-se, portanto, que a literatura, em sua capacidade de refletir e criticar a realidade, é um poderoso meio de

conscientização e transformação social, especialmente quando abordada a partir de uma perspectiva ecocrítica.

Referências

ABREU, Ivy de Souza; BUSSINGUER, Elda Coelho de Azevedo. *Antropocentrismo, ecocentrismo e holismo: uma breve análise das escolas de pensamento ambiental*. Revista Derecho y Cambio Social [online], Lima. v. 34, p. 1-11, 2013. Disponível em: https://www.derechoycambiosocial.com/revista034/escolas_de_pensamento_ambiental.pdf. Acesso em: 16 ago. 2024.

BICHO. Michaelis, dicionário brasileiro da língua portuguesa. Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bicho%20/>. Acesso em 31 ago. 2024.

BRUGIONI, Elena; MELO, Alfredo César. Ecocrítica(s): literatura e colapso ambiental. *Remate de Males*, Campinas, v. 42, n. 2, p. 254-259, 2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8672928>. Acesso em: 16 ago. 2024.

GUATTARI, Félix. *As três tecnologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 1990.

GRANJA, Lúcia. Manuel Bandeira e a poesia social. *Revista Argumento*, v. 2, n. 3, p. 75-83, 2000.

MARCELLO, Carolina. Poema O bicho de Manuel Bandeira com análise e significado. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-o-bicho-manuel-bandeira/>. Acesso em: 31 ago. 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Pontes, 2012.

PINTO, Francisco Neto Pereira; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. Contribuição da ecocrítica ao ensino de literatura. *Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões*, v. 3, n. 1, p. 36-49, 2013.

SLOVIC, Scott. Ecocriticism: containing multitudes, practicing doctrine. In: *Asle News*, Spring, 1999. p.5-6. Disponível em: www.asle.org/assets/docs/roundtable.pdf. Acesso em: 31 ago. 2024.

STEFANIU, Luciana Fracasse; DI RAIMO, Luciana Cristina Ferreira Dias. *O poema o bicho na perspectiva da análise do discurso: processos de produção e efeitos de sentido*. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 20, n. 1, p. 35-55, 2017.

VELLOSO, Mônica. A literatura como espelho da nação. *Revista Estudos Históricas*, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e materialismo*. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.